

ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO NO BRASIL

META

discutir alguns aspectos da História da Geografia no Brasil.

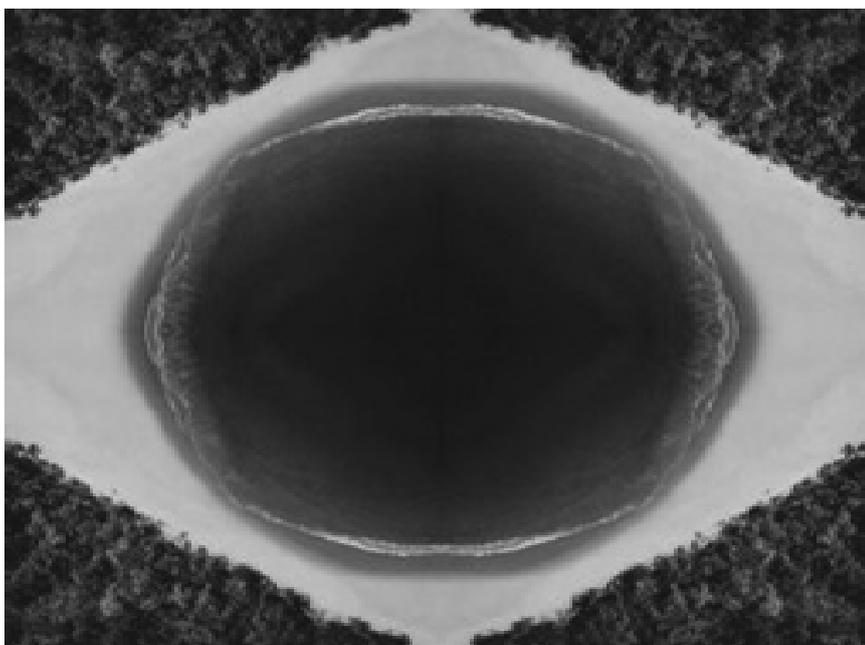
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

compreender alguns aspectos da História da Geografia no Brasil

PRÉ-REQUISITOS

Considerando a complexidade do tema, já abordado por diversos estudiosos e considerando ainda, que este texto foi pensado e escrito sob a ótica dos autores mencionados na bibliografia, é recomendável que você faça a leitura da mesma, indicada no final dessa aula, o que facilitará a sua compreensão, ao tempo em que suprirá as possíveis lacunas do texto.



(Fonte: ensinandoageografar.blogspot.com).

INTRODUÇÃO:

Até o presente momento, discutimos a História do Pensamento Geográfico desde a antiguidade até os dias atuais. Agora é a hora do Brasil. A primeira pergunta que surge em torno desse tema é: Como se formou o Pensamento Geográfico no Brasil? Quais são os elementos que devemos eleger para contar essa história? É a partir de tais questões que a aula de hoje se desenvolve.



(Fonte: www.senado.gov.br).

ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO NO BRASIL

A História do Pensamento Geográfico no Brasil será relatada a partir das representações que foram produzidas sobre o país, desde o período colonial até 1930, quando ocorreu a institucionalização da Geografia. Convém frisar que poucos trabalhos discutiram o pensamento geográfico no Brasil antes de 1930.

Do período colonial, até a o início do século XIX, a Geografia se desenvolveu a partir das expedições e ou explorações geográficas que percorreram as costas brasileiras, os rios, o interior do continente, e localizaram os diversos grupos humanos. As expedições por sua vez, deram origem aos primeiros trabalhos realizados no âmbito da Geografia, as descrições geográficas, narrativas de viagens ou relatos dos viajantes. Devido às necessidades sociais, políticas e econômicas da época, esses trabalhos foram o veículo fundamental para dar conhecimento aos administradores portugueses das terras brasileiras. Desse modo, entendo que as descrições ou relatos de viagens atenderam às exigências da sociedade de uma época em que era importante o controle do território brasileiro.

Mesmo sendo “[...] lineares ou literárias, [as descrições] valem, então pela soma de informações, enumerações e de anotações de fins práticos e utilitários”. (PEREIRA, 1994, p. 352). Esses trabalhos constituem hoje, a história da ciência geográfica no Brasil, pois foi através deles que obtivemos um conhecimento dos diferentes aspectos geográficos da terra achada por Cabral.

Convém frisar que duramente muito tempo, no continente europeu, se fez uso das descrições geográficas, as quais na visão do autor mencionado, eram eivadas de espírito enciclopédico, mas constituíram um modelo amplamente difundido no Brasil.

Acrescentou ainda esse autor que “[...] as descrições geográficas dos três primeiros séculos da história do Brasil não apresentam e nem poderiam apresentar os atos essenciais que devem coexistir numa verdadeira descrição plasmada dentro da concepção moderna da geografia”. (PEREIRA, 1994, p. 351-352).

Considerando o modelo descritivo, vamos conhecer alguns trabalhos que caracterizaram esse momento, a saber: “A **Cosmografia**, de Thevet, em particular, é o protótipo de descrição geográfica literária do século XVI, misturando fatos verídicos com imaginações, cheia, além disso, de enxertos constantes de assuntos completamente estranhos à consideração de um “cosmógrafo do rei”. (PEREIRA, 1994, p. 353). Outro trabalho importante foi o de:

George Marcgrave não foi um simples curioso ou um diletante com espírito geográfico. Tinha uma visão científica e uma preparação técnica mais ampla do que outros homens de cultura que anteriormente fizeram geografia no Brasil. Foi, de certa forma, um representante da corrente científica ou da geografia geral, vindo, por sinal, do mesmo país que, dentro em pouco, teria Varenius (1650) um grande precursor de Humboldt. (PEREIRA, 1994, p. 355).

As descrições na verdade, se tornaram um modelo que influenciou a produção de trabalhos à época, por isso, esse autor ressaltou ainda que:

[...] não é de estranhar, pois, que, no intervalo de tempo decorrido entre os fins do século XVIII e os princípios do século XIX, a cosmografia de Sebastian Münster, datada de 1549, com ligeiras variantes, ainda figurasse como padrão geralmente seguido pelos estudiosos no Brasil. [...] foi esse modelo que veio influenciar Aires de Casal, em 1817, já numa época em que não eram desconhecidos trabalhos de Humboldt, de Ritter e de outros, trazendo no bojo os germes de uma renovação metodológica. (PEREIRA, 1994, p. 368).

Já no século XIX, a Geografia no Brasil sofreu influência das correntes científicas desenvolvidas na Europa. “As ideologias científicas, como o darwinismo social, o positivismo e o neolamarckismo, [...] estavam articuladas pela idéia de mudança ou evolução”. (MACHADO, 2000, p. 310). No Brasil, a circulação daquelas ideologias disseminou também, a ideia de mudança e de progresso, “[...] veiculando, através do argumento pseudocientífico, julgamentos morais sobre o território e a população, articulados a um questionamento do tempo futuro”. (MACHADO, 2000, p. 310).

Dentro desse propósito, os temas que estiveram presentes no pensamento dos intelectuais da Geografia à época, refletiram sobre a natureza físico-climática do território, a adaptação do indivíduo ao meio, as características raciais dos habitantes e as possíveis conseqüências desses aspectos sobre a forma social do povo brasileiro. “Em síntese, a questão principal era o estabelecimento do potencial e dos limites da natureza física, social e política do país diante das idéias programáticas do progresso”. (MACHADO, 2000, p. 310). Esses ideais conseguiram se impor e adentrar até o século XX, fazendo vários autores participarem desse debate: a obra de Capistrano de Abreu (1907) cultivava o sentido da identidade nacional, *A história social e econômica do Brasil*, sugere que a nossa História deve começar a partir dos povos indígenas, que foram os primeiros habitantes dessa terra. Tratou do clima do solo e da mestiçagem como determinantes dos fatos históricos, denunciando a forte influência de Ratzel. Machado (2000), observou que:

[...] sua tese sobre a influência do meio físico na marcha do povoamento no país, geralmente atribuía à Antropogeografia de Ratzel, parece mais próxima à idéia de Frédéric Le Play sobre a importância das vias de circulação seguidas pelos povos [e determinadas pelo meio físico] na organização social. (MACHADO, 2000, p. 319).

Capistrano de Abreu mesmo sendo historiador foi um conhecedor, difusor e partidário de doutrinas de Ratzel. Já Euclides da Cunha com o seu livro *Os sertões*:

[...] não somente marcou época, como passou a exercer grande influência sobre o tipo de literatura que inaugurou. Na obra, vazada num misto de doutrinas de Ratzel, Richthöfen, Humboldt e Hegel, sem esquecer Comte, Euclides realmente procurou fazer geografia humana interpretativa e, nesse sentido, foi precursor de trabalhos desse gênero no país. (PEREIRA, 1994, p. 422).

O padre jesuíta Serafim Leite (1938) fez um retrato do Brasil à época, apresentando-nos uma obra rica em detalhes relatando a catequese, a atividade nos aldeamentos, as realizações intelectuais dos missionários, enfatizando que os jesuítas prestaram ao Brasil, durante dois séculos os mais relevantes serviços, não somente de instrução e de educação, mas também de defesa do território e ponto de resistência contra os invasores.

Nos anos de 1920, destaco a contribuição de Delgado de Carvalho, que se reflete na “[...] revolução nos métodos e nos rumos do ensino geográfico secundário, atingindo, finalmente, o ensino superior universitário, mercê de um conjunto de circunstâncias históricas e econômicas favoráveis”. (PEREIRA, 1994, p. 399). O ensino de Geografia nesse período, recebeu a crítica e a contribuição de Delgado de Carvalho, possibilitando a sua renovação uma vez que, nesse momento:

[...] se deu de forma mais acentuada o conflito entre os professores de tendência conservadora que defendiam uma concepção tradicional da geografia e do seu ensino (a geografia clássica ensinada de forma meramente descritiva e mnemônica), e de outro lado, professores defendendo a renovação do ensino desta disciplina, não só no que diz respeito a metodologia empregada nas salas de aulas, como também no que se refere aos conteúdos. (ROCHA, 1996, p. 31).

Devido a sua atuação marcante e a publicação de uma série de trabalhos, Delgado de Carvalho recebeu o título de fundador da “geografia moderna” brasileira.

Em 1933, Gilberto Freyre publicou a primeira edição do livro *Casa-grande e Senzala*, e ao contrário dos autores mencionados até agora, criou um “ensaio de sociologia genética e de história social”. (FREYRE, 1986-1990, p. 32). Nesse ensaio, o autor fez uma radiografia da sociedade interpretando a formação da família brasileira, a partir de uma vasta documentação, que ele analisou, sob a lente da cultura. Descreveu com minúcia a história do cotidiano da casa-grande, sem perder de vista o viés patriarcal, que orientou a formação da família brasileira. Tratou da miscigenação enfatizando o comportamento sexual dos negros, dos brancos e dos índios. Tendo em vista essa perspectiva, a obra em questão representa um divisor de águas, pois o autor nos apresentou uma nova interpretação da sociedade colonial brasileira, sem privilegiar a noção de raça e meio.

Esses autores nos oferecem uma visão parcial do que se produziu em torno do Brasil até os anos de 1930, é importante enfatizar que algumas das obras citadas acima não tinham como cunho principal o ensino da Geografia, no entanto, sua análise é importante, pois os aspectos geográficos estão evidenciados, de uma forma geral. Muito embora a produção literária em questão tenha sido produzida na década de trinta, vale lembrar que os aspectos geográficos abordados retratavam a realidade brasileira de um período anterior, porém, sob um olhar crítico pautado nos ideais vigentes à época da sua publicação.

Segundo Andrade (2001), os anos 30 foram importantes para a Geografia, porque nesse período o estudo da Geografia brasileira se estruturou e se tornou autônomo. Segundo o referido autor, essa fase possibilitou o desenvolvimento do trabalho de campo e o conhecimento de várias áreas do país por meio de pesquisas feitas nas assembleias gerais da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), de artigos publicados na Revista de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de teses de doutorado e de livre-docência defendidas na Universidade de São Paulo (USP). Tais trabalhos foram responsáveis pela difusão dos conhecimentos geográficos no Brasil.

Com isso, percebe-se que na década de trinta, a Geografia já se apresenta institucionalizada em decorrência do surgimento das primeiras universidades brasileiras.

A importância da Geografia e a ênfase no estudo do território brasileiro são aspectos discutidos nos anos de 1930 a 1945. No programa de Reconstrução Nacional do Governo Vargas, a Geografia e a História, por serem portadoras de um discurso que atendia aos interesses do momento, discurso esse que enaltecia os aspectos físicos, as riquezas os valores morais do país, foram de fundamental importância para o desenvolvimento da consciência patriótica no projeto de Educação do novo governo.

No caso específico da Geografia do Brasil, o seu valor “[...] para a educação cívica dos alunos foi defendido por Delgado de Carvalho, mem-

bro da Comissão Nacional do Livro Didático e autor de um manual de Geografia largamente utilizado na época”. (HORTA, 1984, p. 181). Essas orientações enfatizavam “o estudo do Brasil-território e do Brasil-povo é a base científica de todos os demais estudos sobre a nacionalidade. [...] [Este estudo] leva a estabelecer as bases científicas de uma educação cívica esclarecida e robusta, e não apenas ingênua, superficial, ‘ufanista’ e cega”. (HORTA, 1984, p. 181). A Geografia e a História estiveram presentes nos cursos da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI), criada em 25 de março de 1951, por iniciativa da Arquidiocese de Aracaju. Além daqueles cursos, a faculdade se estabeleceu inicialmente com os cursos de Filosofia, Letras e Matemática. “[...] os Cursos Superiores de Licenciatura em Geografia e História eram ofertados conjuntamente, em regime seriado, com duração média de (04) quatro anos e carga horária total de 2.700 horas [...]” (OLIVA, 1999, p. 293). Os docentes que atuaram no ano de 1951 pertenciam a diversos campos do saber. Conforme o estudo realizado por Santos (2007), a criação dessa Faculdade representou um marco na história da disciplina Geografia porque foi a partir desse momento que profissionais especializados começaram a ser preparados para o ensino da História e Geografia, pois como vimos, os primeiros professores da citada Faculdade pertenciam a diversas áreas do saber. Somente em 1963, o curso de Geografia e História da FAFI foi desmembrado e cada um passou a ter seus respectivos departamentos, com currículos distintos. Em 1967, formou-se a primeira turma do curso de Geografia, constituindo-se, dessa forma, o primeiro grupo de profissionais com formação específica, desvinculada da História.

CONCLUSÃO

Estava assim formado o campo específico da Geografia em Sergipe, que finalmente aparecia desvinculada da História, adquirindo autonomia e um discurso especializado. Chamo a atenção para o fato de que essa aula representa apenas um viés do que pode ser tratado em torno das origens do pensamento geográfico no Brasil e em Sergipe, outras versões podem ser apresentadas sobre o tema.



RESUMO

Os primeiros trabalhos realizados no âmbito da Geografia foram as descrições geográficas, elaboradas a partir das expedições e explorações que percorreram o Brasil. Já no século XIX, as ideologias científicas, como o Darwinismo social, o Positivismo e o Neolamarckismo, que se difundiram Europa, e no Brasil, disseminaram a ideia de mudança e de progresso.

Sob essa ótica, os temas que estiveram presentes, no pensamento dos intelectuais da Geografia à época refletiram sobre a natureza físico-climática do território, a adaptação do indivíduo ao meio, as características raciais dos habitantes e as possíveis conseqüências desses aspectos sobre a forma social do povo brasileiro.

Nos anos de 1930, a forte atuação do IBGE e da AGB, criada em 1934, em São Paulo, foram responsáveis pela difusão dos conhecimentos geográficos no Brasil.

No programa de Reconstrução Nacional do Governo Vargas, (1930-1945), a Geografia e a História, por serem portadoras de um discurso que atendia aos interesses do momento foram de fundamental importância para o desenvolvimento da consciência patriótica no projeto de Educação do novo governo.

Em Sergipe, somente em 1963, o curso de Geografia e História da FAFI foi desmembrado e cada um passou a ter seus respectivos departamentos, com currículos distintos. Em 1967, formou-se a primeira turma do curso de Geografia, constituindo-se, dessa forma, o primeiro grupo de profissionais com formação específica, desvinculada da História.



ATIVIDADES

1. Qual a importância do surgimento da Faculdade de Filosofia de Sergipe para a Geografia?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Releia o texto, assim você encontrará a resposta.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula você vai conhecer as principais tendências da Geografia brasileira

AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

Excelente (...).

Bom (...).

Regular (...).

Ruim (...).



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correa de. Trajetória e compromissos da geografia brasileira. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri.(org). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando o ensino).
- CASAL, Aires de. **Corografia brasileira ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil**. Tomo I, 2 ed. São Paulo: Edições Cultura, 1945.
- DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da ilustração no Brasil. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: v.278. p. 105-170, jan/mar., 1968.
- FREYRE, Gilberto Freire. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: José Olympio, (1986-1990).
- MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Lenalda Santos (orgs.). **UFS: história dos cursos de graduação**. São Cristóvão (SE): CEAV/UFS, 1999.
- PEREIRA, José Veríssimo da Costa. **A Geografia no Brasil**. In: AZEVEDO, Fernando de (Org.). **As Ciências no Brasil**. 2v. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1994 V.1 p. 349-461.
- ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar brasileiro (1837–1942)**. 1996. 302 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Programa de Pós- Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, Vera Maria dos. **A Geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe: do século XIX ao século XX**. São Cristóvão, 2004. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004.

_____. No tempo das “Chorographias sergipanas” (1897 a 1921). In: I Seminário Internacional de Educação: A Escola Nova, os impressos e a Educação Brasileira, 1, 2005, Aracaju. **Anais do I seminário Internacional de Educação: A Escola Nova, os impressos e a Educação Brasileira**. Aracaju: NPGED, 2006. 1 CD-ROM.

_____. A Chorographia do Estado de Sergipe sob a lupa de Garcia Muniz. **Cadernos UFS/História da Educação**. São Cristóvão. v. 1, p.7 - 20, 2005.

_____. A geografia em Sergipe e os seus livros didáticos para o ensino primário: do século XIX ao século XX. **Revista Educação em Questão**. Natal: v. 29, n. 15, p. 166-196, maio/ago., 2007.